



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

VITÓRIA PEREIRA DOS SANTOS

A SECA DE 1915 NA OBRA *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

ITABAIANA/SE

2025

VITÓRIA PEREIRA DOS SANTOS

A SECA DE 1915 NA OBRA *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE
2025

VITÓRIA PEREIRA DOS SANTOS

A SECA DE 1915 NA OBRA *O QUINZE* DE RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em de abril de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

Prof^a. Dr. Cácio José Ferreira (UnB)

Dedico o presente trabalho de conclusão de curso , primeiramente , a Deus, pois sem seu amparo não teria chegado a esse momento e a minha mãe que por meio de muita labuta proporcionou a mim o que não pode ter.

AGRADECIMENTOS

Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar. (Josué 1: 9). Primeiramente, agradeço a Deus por tudo que tem feito em minha vida, por todas as conquistas e ensinamentos e por nunca ter me desamparado durante minha trajetória acadêmica. Jesus, a cada dia, tem me tornado confiante e corajosa, por essa razão sou profundamente grata.

A toda minha família expressei minha gratidão, pois de alguma forma participaram da minha jornada. Em especial agradeço a minha mãe, Josefa, que cuidou, educou, aconselhou e me acalentou em todos os momentos de minha vida e mesmo em meio às dificuldades nunca deixou nada faltar, pois seu carinho e dedicação supriu tudo. Também a meus avós, Gustavo (in memória) e Valdice, que sempre estiveram presentes em minha vida. Aos meus tios (as), primos (as) que por meios de suas palavras me apoiaram, à minha madrinha Paixão (in memória) por ter sido a melhor madrinha que eu poderia ter tido, foi uma segunda mãe, que por meio de sua presença em minha vida e humildade deixaram valores que jamais serão esquecidos. Agradeço também ao meu noivo que sempre me incentivou a estudar e buscar conhecimentos. A todos meus amigos que com suas palavras de carinho me apoiaram e deixaram o peso mais leve e me fortaleceram a continuar. A todos vocês minha profunda gratidão, pois foram essenciais nessa caminhada.

Por fim, agradeço aos professores que foram fundamentais na minha formação desde o ensino infantil até o ensino superior, em especial a meu orientador Doutor Fábio José Santos de Oliveira. Serei eternamente grata por ter tido a oportunidade de ser sua aluna, suas aulas acarretarão de forma positiva a minha vida profissional. O senhor é exemplo de pessoa e profissional, sem o senhor não teria conseguido chegar até esse momento ímpar em minha vida.

“Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome,
tanta sede, tanto sol.”

Rachel de Queiroz

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a análise da seca de 1915 na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, destacando a representatividade que as obras literárias exercem no contexto histórico e social. Desse modo, a pesquisa busca compreender a relação estabelecida entre a história e a literatura no decorrer do tempo, como o papel que as obras possuem em se tratando de narrar acontecimentos do passado. Nesse viés, a metodologia utilizada para a pesquisa é a qualitativa, baseando-se em teóricos como Brandão e Micheletti (1997), Pierre Bourdieu (2011), Roger Chartier (1990), Georgy Lukács (2011) e Pesavento (2003). A pesquisa aponta que *O Quinze*, além de contribuir para a formação humana, direciona o leitor a conhecer a história de um povo que estava lutando por sua sobrevivência. Ademais, essa obra se estabelece como um valioso registro literário, proporcionando uma oportunidade de reflexão sobre as condições de vida no sertão e as políticas públicas direcionadas a essa área. Portanto, pode-se afirmar que a literatura exerce uma função essencial na conservação da memória histórica, oferecendo um meio acessível para se entenderem os efeitos da seca e seus impactos nas comunidades. O trabalho de Rachel de Queiroz não só relembra o passado, mas também provoca discussões sobre temas sociais que permanecem relevantes nos dias atuais.

Palavras-chave: Literatura e História, Rachel de Queiroz, *O Quinze*, Seca de 1915, representação.

ABSTRACT

This paper aims to present an analysis of the 1915 drought in Rachel de Queiroz's work *O Quinze*, highlighting the representativeness that literary works play in the historical and social context. Thus, the research seeks to understand the relationship established between history and literature over time, such as the role that works play in narrating past events. In this context, the methodology used for the research is qualitative, based on theorists such as Brandão and Micheletti (1997), Pierre Bourdieu (2011), Roger Chartier (1990), Georgy Lukács (2011) and Pesavento (2003). The research indicates that *O Quinze*, in addition to contributing to human development, directs the reader to learn about the history of a people who were fighting for their survival. Furthermore, this work establishes itself as a valuable literary record, providing an opportunity for reflection on living conditions in the backlands and public policies directed at this area. Therefore, it can be said that literature plays an essential role in preserving historical memory, offering an accessible means of understanding the effects of drought and its impacts on communities. Rachel de Queiroz's work not only recalls the past, but also provokes discussions on social issues that remain relevant today.

Keywords: Literature and History, Rachel de Queiroz, *The Fifteen*, Drought of 1915, representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A RELAÇÃO ACERCA DA LITERATURA E HISTÓRIA	11
1.1 A PALAVRA REPRESENTAÇÃO	14
1.2 REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DE PODERES E IDENTIDADES	16
1.3 O PROPÓSITO DA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA NA LITERATURA	18
2 A SECA DE 1915: UM OLHAR PARA O PASSADO	20
3 A REPRESENTAÇÃO DA SECA NA OBRA O QUINZE: RESISTÊNCIA, DENÚNCIA SOCIAL E A REALIDADE	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A segunda fase do movimento modernista no Brasil ocorreu entre os anos de 1930 a 1945, sendo marcada por autores comprometidos com temáticas relacionadas ao regionalismo e de caráter social. Desse modo, as obras de caráter regionalista alcançaram destaque na literatura brasileira do século XX. Nesse viés, a obra *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz (1910-2003), é marcada por uma prosa e carregada do linguajar nordestino, denunciando a miséria e a desigualdade social presente no Brasil.

A seca de 1915, que afetou o Nordeste do Brasil, foi um evento climático severo que se estendeu por todo o ano, resultando em graves consequências para a população. Diante da falta de água e das disparidades sociais, essa calamidade natural destacou a situação de pobreza vivida pelos moradores do Ceará, além de revelar a carência de políticas públicas adequadas para enfrentar a crise. No dia 25 de março de 1915, ao ler o jornal, os moradores se depararam com uma matéria do jornal *A Pátria*, que informava sobre o crescente número de retirantes que chegavam ao Estado do Ceará. Essas famílias, vivendo em condições de grande precariedade, buscavam urgentemente formas de sobreviver, o que tornava necessário que o governo implementasse ações para aliviar o sofrimento da população. Em resposta ao tumulto causado pelo deslocamento em larga escala, a administração pública decidiu investir na construção de obras para combater as secas, com o objetivo de reduzir os danos gerados por esse fenômeno.

A obra *O Quinze* surgiu como um marco na literatura brasileira, representando essa realidade presente no país. O romance trata sobre as implicações da seca e destrincha as marcas duradouras no psicológico e nas relações sociais. A autora Rachel de Queiroz retrata em sua obra a seca de 1915 de forma realista e as dificuldades que os nordestinos do interior do Ceará sofreram com as implicações da seca, destacando a luta pela sobrevivência. Assim, o romance ultrapassa a narrativa da seca como fenômeno climático, evidenciando os dilemas sociais. A obra causa uma reflexão em relação ao homem e a natureza, como também a complexidade da falta de programas socioeconômicos que para a região do Nordeste nesse período.

Rachel de Queiroz, ao narrar a seca que vivenciou em sua infância, não simplesmente cria uma obra-prima, mas também vale-se da aflição que a seca provocou para expor a realidade e a carência que o povo nordestino enfrentava. A falta de políticas públicas e o abandono por parte do governo intensificavam ainda mais as sequelas da seca. Este estudo tem como objetivo analisar de que forma a obra *O Quinze* constrói uma representação histórica e literária da seca de 1915, focalizando o impacto psicológico e social do evento nas personagens e na organização narrativa da autora.

Ademais, o romance proporciona ao leitor uma visão profunda sobre o fenômeno natural, promovendo a compreensão dos efeitos da ação climática, a análise da narrativa da obra. Este estudo fundamentou-se em autores como Chartier (1990), Neves (2000), Reis (1994), Brito (2023), Bourdieu (2011), Pesavento (2003), Rossi (2019), Studart (2001), Brandão (1997), Micheletti (1997) e Ribeiro (2006), que se mostraram válidos à análise. O enfoque do estudo se deu em três pontos imprescindíveis: a representação, a seca de 1915 e a análise do livro. Logo, a conexão entre esses três aspectos permite uma percepção mais abrangente da obra, ressaltando seu significado tanto literário quanto histórico.

1. A RELAÇÃO ACERCA DA LITERATURA E HISTÓRIA

A relação entre literatura e história ocorre desde os primórdios, quando o primeiro ser humano predispor-se a narrar oralmente acontecimentos, tendo em vista que, em tempos anteriores, os povos mantinham o costume de contar histórias que eram passadas de geração a geração. Além do mais, mesmo as narrativas criadas de forma imaginária por seus autores contêm fatores que causam a junção entre a literatura e a história, como o contexto histórico em que foram introduzidas, pois elas podem conter os costumes sociais em que a narração ocorre:

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia novas, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação (Brandão; Micheletti, 1997, p. 22-23).

Desse modo, como é dito por Brandão e Micheletti, o texto literário é carregado de vivências profundas de uma determinada época, que aproxima o leitor dos costumes e hábitos que a sociedade possuía. São exatamente essas informações riquíssimas que proporcionam a relação entre literatura e história, pois tais registros possibilitam a realização da historiografia, ou seja, o estudo da literatura em uma perspectiva histórica, observando-se o conjunto de circunstâncias presentes nas obras. Ademais, autores como Roger Chartier (1999), tratam sobre algumas teorias acerca dessa relação entre literatura e história e as maneiras pelas quais ela pode ser entendida, salientando a importância de assimilar as diversas formas de inscrição e transmissão dos enunciados, induzindo a percepção dos fatores envolvidos na produção e na circulação de sentido do texto, pois é apresentada a contextualização dos diversos significados, uma vez que os textos possuem um sentido variável. Nesse contexto, os autores utilizam tanto os recursos indispensáveis para a produção estética do texto, como o meio de circulação do sentido. Chartier ainda evidencia os pontos que deverão ser levados em consideração para que se realize um estudo do texto de forma apropriada, sendo perceptíveis as diversas influências que o texto recebe. Constata-se que a criação textual não depende apenas de uma prática singular, mas de um conjunto de elementos determinantes. Isso pressupõe que a circulação e a recepção dos sentidos irão depender das circunstâncias de determinada época, tendo em vista que o texto é mutável. Chartier discute sobre hipóteses em relação ao texto e leitura, propondo questionamentos em relação aos processos sociais e históricos que são inseridos nos textos:

Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a idéia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e

solitariamente, mesmo quando se encontrar em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. Mas é preciso ter distanciamento em relação a esses três supostos para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado. E também é preciso compreender em sua própria historicidade e instabilidade (Chartier, 1999, p. 197-216).

O fragmento acima destaca três pressupostos em relação ao texto e à leitura, pois inicialmente o autor questiona o conceito do texto a ser fixado, já que ele indica que os textos são mutáveis e para estabelecer o sentido dependerá do contexto histórico em que foi produzido e recebido. O segundo questionamento refere-se à crítica destinada à concepção estabelecida em que as obras são produzidas visando a um leitor silencioso; porém, deve-se lembrar que o leitor não é um elemento isolado da leitura, já que o mesmo carrega em sua leitura influências externas, ou seja, do seu meio social. Já o último questionamento é destinado à ação do leitor em realizar uma relação entre o sentido do texto e o autor, pois é indicado por Chartier que para se fazer uma leitura profunda é necessário desvincular essa relação, já que o texto possui um conjunto de critérios, como as experiências corporificadas que foram introduzidas no texto e o significado atribuído ao longo do tempo. É possível identificar tais elementos em obras de renome da literatura brasileira ao longo dos séculos, como *A carta* (1500), de Pero Vaz de Caminha, *Sermões* (1679), de Antônio Vieira, *Senhora* (1875), de José de Alencar, *Grandes Sertões: Veredas*, de João Guimarães Rosa, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Tais obras exerceram um papel substancial no conhecimento da história brasileira ao longo dos anos, evidenciando costumes e crenças de uma época, mostrando-se um reflexo de um determinado período, por meio dos dilemas enfrentados pelos personagens e o estilo de escrita dos autores, como no trecho a seguir: “Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes: - Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até abril.” (Queiroz, 2023, p. 17). É possível perceber, por meio da fala da personagem, a forte presença da fé popular nordestina. O santo São José, associado à chuva e ao plantio no imaginário dos nordestinos, desempenha um papel de resistência espiritual e emocional, mostrando a forma como o povo do sertão se apega à religiosidade, a fim de enfrentar os problemas que surgem. Dessa maneira, fica destacada não apenas a esperança, mas também a confiança enraizada na tradição daquela região. Por essa razão, a afirmação de Chartier se faz válida, pois afirma que se deve levar em consideração a historicidade das narrações para que não haja nenhuma limitação na interpretação do texto, ou seja, o leitor ao ler uma obra deve levar em consideração as circunstâncias em que a obra foi escrita.

Um dos exemplos citados anteriormente, *a carta* redigida por Pero Vaz de Caminha. Datada de 1500, é considerada a primeira manifestação literária em solo brasileiro é uma amostra da relação da história com a literatura. A carta foi escrita com a finalidade de comunicar ao rei de Portugal as impressões do navegador sobre o novo mundo, encontrado durante as expedições de Pedro Álvares Cabral, além de relatar o primeiro contato com os indígenas em solo brasileiro. Apesar de possuir uma função oficial de relato, *a carta* de Pero Vaz de Caminha caracteriza como um documento literário, já que emprega uma estrutura narrativa e uma linguagem culta. Dessa forma, o texto, além de carregar informações históricas sobre o Brasil, carrega, também, as manifestações culturais do autor a respeito dos povos e da fauna e flora que descobriu. Sendo assim, as obras são importantes para os estudos da história tanto quanto para a literatura, uma vez que apresenta a primeira manifestação literária, contendo elementos históricos.

É possível compreender, a partir da análise proposta por Pesavento (2003), a aproximação entre a História e a Literatura, pois, segundo a autora, para atingir essa compreensão, é imprescindível reconhecer que ambas as narrativas se configuram em um tempo, porém de formas diferentes. A história apresenta um fato que ocorreu, a literatura irá tratar do tempo de outra forma, pois pode abordar o passado, presente ou um futuro hipotético. Ademais, a partir do momento que é aceita a premissa da história se relacionar com a literatura, ocorre no processo da criação a utilização de elementos na narrativa. O historiador, do mesmo modo do autor de obras literárias, introduz a criação do real, com o tempo, espaço e personagens. As narrativas podem ser modificadas a depender do objetivo do autor perante a obra. Quando mencionado sobre a possibilidade de a literatura se tornar um aparato para os estudos históricos, dúvidas a respeito de suas diferenças começam a surgir. Como mencionado por Pesavento, o pressuposto entre o imaginário, o fictício e a realidade instauram as diferenças entre ambos. Seria então possível ocorrer a narrativa da realidade de forma verossímil? Pesavento comenta que “[...] a tradição do pensamento ocidental de afastar a História da ficção é, contudo, antiga, desde Tucídides a ultrapassar Heródoto e a afirmar que não há versões, mas sim um saber racional e criterioso [...]” (Pesavento, 2003, p. 34). A ficção passou a ser um elemento importante para o debate acerca da aproximação entre a história e a literatura, uma vez que o imaginário sempre esteve presente no ser humano.

A autora Pesavento (2003) ainda discorre sobre a escrita e interpretação entre a história e a literatura, pois é argumentado sobre a limitação que ocorre na história, diferentemente da literatura, já que o historiador não fantasia personagens e acontecimentos. O estudo do

historiador é baseado em fatos reais, sustentados por evidências deixadas ao longo do tempo. Essas evidências são interpretadas por ele e organizadas como um “quebra-cabeça” que compõem a história de determinado período, mas sempre partindo do pressuposto da realidade. Diferentemente da literatura, em que o autor, mesmo narrando um fato histórico, tem a liberdade de criar enredos paralelos da realidade, e com personagens fictícios. A partir disso, a autora questiona alguns teóricos que discutem sobre relevância da imaginação e da narrativa histórica, como Hayden White, que argumenta que a história vai além de informações comprovadas, mas também de uma influência da imaginação histórica, defendendo que o historiador em sua narrativa também cria. A autora também cita Roland Barthes, que defende que o historiador está à mercê da linguagem, uma vez que a realidade é compreendida a partir da interpretação. Nesse contexto, os fatos históricos são interpretados, podendo modificar a compreensão, já que a linguagem não se caracteriza como neutra. Contudo, a autora argumenta que, mesmo havendo o papel interpretativo, o historiador se mantém preso às evidências da realidade.

De acordo com Pesavento cada obra terá uma finalidade, já que por meio da narrativa será exposto o contexto histórico de uma determinada época. Assim a finalidade da obra será apresentar as preocupações e interpretações:

A Literatura, como se sabe, é sempre fonte de si mesma, ou seja, diz sobre o presente da sua escrita e não sobre a temporalidade do narrado. Assim, o historiador não pode pegar Walter Scott, com *Ivanhoé*, ou Érico Veríssimo, com *O Tempo e o Vento*, para buscar saber como era a Idade Média ou como foi a formação histórica do Rio Grande do Sul. Neste tipo de romance histórico, o que poderá ser analisado é como os homens do século XIX representavam e criavam para si a época medieval, ou como nas décadas de 40 e 50 o Rio Grande do Sul buscava o seu passado para explicar o seu presente (Pesavento, 2003, p. 39).

Nesse trecho, a autora defende que a obra literária como *Ivanhoé*, de Walter Scott, *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, mostram, por meio de sua narrativa o ponto de vista da sociedade naquele período. Portanto, os romances e demais gêneros literários podem ser utilizados como um resgate da cultura e costumes de um determinado momento, através das experiências que o autor vivenciou durante sua vida. Porém, é necessário que a obra esteja contextualizada na fase histórica que deseja conhecer.

1.1 A PALAVRA REPRESENTAÇÃO

A palavra representação possui alguns significados de acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* como: “ato ou efeito de representar”, “aquilo que se representa”

ou “ideia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa”. A palavra, ao longo do tempo, foi tomando espaço, uma vez que se fez necessário um conceito para um papel que já existia:

Assim construído, o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder (Chartier, 2011, p. 20).

Roger Chartier discute sobre a definição da palavra representação como um meio de assimilar e analisar as relações sociais existentes. Ele discute sobre a existência de três áreas em que o conceito de representação se aplica. A primeira citada são as operações de classificação e hierarquização, que seriam a forma como é compreendida a veracidade dos fatos, sendo possível a criação de diferentes perspectivas de um mesmo assunto. Em segundo lugar, o autor trata sobre as práticas e os signos, que propõem a ocorrência das práticas sociais e culturais para manifestar o poder e as identidades. Por último, ele cita as formas institucionalizadas de representação, que podem ser entendidas como a atuação de um indivíduo ou grupos como representantes de uma identidade, sendo um papel fundamental para conferir legitimidade a um determinado poder. Dentro desse cenário, é possível concluir que Chartier fala sobre a relação que os indivíduos mantêm com o mundo social por meio dos pontos citados. As figuras históricas, de que se tem conhecimento por meio de documentos, desempenham um papel de força sobre a identidade. Assim, o autor ratifica a convicção da representação histórica, uma vez que, além de descrever, legitima os fatos, sendo uma peça-chave para alcançar a compreensão dos valores, hierarquias de poderes e a organização de determinado período.

Roger Chartier (2011) destaca ainda a importante divisão entre a história e a memória, especialmente a representação do passado e a identificação. Dessa forma, o autor apresenta que a memória se inclina a ser fiel ao passado, enquanto a história norteia-se no intuito de demonstrar a verdade, sendo defendida pela análise de documentos, que atuam como indícios do passado. Chartier ainda reforça que cada representação possui uma finalidade, como também um destinatário. Um exemplo disso é a representação da crucificação de Jesus, que tem como finalidade os fiéis o verem como o enviado por Deus para acabar com o pecado da humanidade. Outro exemplo, agora no meio político, é a representação das figuras políticas e que

popularmente são chamadas para passar uma visão positiva para seu mandato, como Getúlio Vargas, que foi chamado de o “Pai dos pobres”. Tais representações possuem finalidades distintas e que almejam que um tal indivíduo seja visto de tal forma.

A representação torna-se um elemento fundamental para as pesquisas desenvolvidas pelos historiadores, pois, por meio dela, é possível aprofundar a análise de um determinado período e obter uma visão mais aproximada da realidade. Nesse cenário, o conceito permite que o passado seja interpretado com uma maior exigência, enquanto contribui para legitimar a veracidade da história. Desse modo, a representação não iria apenas retratar os fatos, mas aproximar-se de uma reconstrução sólida e bastante importante para o estudo da história.

Chartier (2011) recorre às conclusões do autor Paul Ricoeur para reforçar sua afirmação de que é necessário analisar os modos pelos quais a intencionalidade histórica se manifesta na literatura. O autor salienta que é preciso situar a escrita histórica de acordo com a validação documental, ou seja, Chartier, com base em Ricoeur, afirma que a escrita e a prova documental devem ser usadas em um processo dialógico, pois apenas dessa forma será possível legitimar a veracidade dos fatos. Essa relação entre texto e documento permite uma compreensão mais profunda dos eventos históricos, uma vez que ambos os elementos são considerados não como fontes isoladas, mas como instâncias interdependentes que se avaliam na construção da narrativa histórica. Dessa forma, o autor defende que a história não deve ser vista como uma simples acumulação de dados, mas como um campo dinâmico em que a interpretação e a crítica são fundamentais para a construção de um saber legítimo.

1.2 REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DE PODERES E IDENTIDADES

O conceito da representação simbólica consiste no método em que os valores ou as relações de poder são evidenciadas por símbolos. Nesse viés, o símbolo desempenha um papel de gerador de reconhecimento, estando atrelado à área religiosa, midiática e política. Como exemplo temos a coroa real, que representa o poder monárquico de autoridade e de continuidade daquele mesmo sangue parental, bem como a cruz cristã e a coroa de espinhos, que são símbolos de sacrifício e amor do Pai para com seus filhos:

A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga -- traça toda a teoria do signo do pensamento clássico, elaborada em sua maior complexidade pelos lógicos de Port Royal. Por um lado, são essas modalidades variáveis que permitem discriminar diferentes categorias de signos (certos ou prováveis, naturais ou instituídos, aderentes a ou separados daquilo que é representado, etc.) e caracterizar o símbolo por sua diferença com outros signos. (Chartier, 2011, p. 184)

Nessa citação, o autor trata sobre o conceito da representação, que pode ser entendida, por meio de um elemento presente (signo) e o objeto ausente. Dessa forma, o signo assumiria o papel de representar algo que não está presente de forma física, podendo classificá-lo em mais de um tipo, como os que possuem uma ligação diretamente com o objeto que representam ou os que necessitam de crenças culturais ou sociais.

Segundo Pierre Bourdieu (2011), a luta pela construção do poder por meio da representação simbólica ocorre através dos grupos sociais que buscam legitimar seu poder e disseminar seus ideais na sociedade. Um exemplo disso é o Estado, que constantemente cria estratégias para fazer com que os cidadãos adotem seus ideais, moldando sua percepção de mundo. No entanto, esse monopólio nem sempre é absoluto, uma vez que outras formas sociais disputam esse poder, como os grupos religiosos, que buscam disseminar seus ideais e utilizar seus símbolos para atrair o maior número possível de seguidores, e os meios de comunicação, que desempenham um papel importante na formação e disseminação de ideias que influenciam a visão pública. Através da manipulação de informações e discursos, os meios de comunicação podem reforçar ou desafiar as ideologias predominantes. Esses grupos buscam criar narrativas que legitimem suas ações e interesses, impondo sua própria interpretação da realidade e, assim, consolidando seu poder simbólico sobre a sociedade.

Já na representação de identidades, que consiste na maneira como os grupos sociais serão retratados ou representados, vemos uma forte representação na obra *O Quinze* no que tange à representação da cultura, crença e identidade nordestina, pois o povo nordestino é representado como alguém que luta, migra e resiste, mesmo quando a problemática se torna extrema. Um exemplo dessa representatividade na obra é o personagem Chico Bento e sua família, que saem da sua terra natal em busca de sobrevivência, carregando consigo a identidade de um povo que mantém a esperança, fé, amor à sua região e o extinto de sobrevivência em meio às adversidades, como é possível ver no trecho a seguir:

E apontava para uma vaca pintada de preto e branco, que, magra e quieta à beira da estrada, parecia esperar a família fugitiva para uma derradeira despedida. Cordulina começou a chorar; o próprio Chico Bento passou rapidamente a manga pelo rosto. A Rendeira fitou em todos os seus grandes olhos dolorosos, donde escorria uma lista clara sobre o focinho escuro, como um caminho de lágrimas. Só mocinha olhou a rês com indiferença, ajeitou na mão as chinelas, e continuou a andar no seu passo macio, tão rápido e leve que mal esmagava os torrões quebradiços do chão. (Rachel de Queiroz, 2023, p.46).

O trecho mostra de forma acentuada a representação do amor dos sertanejos por sua terra natal. Por meio da reação dos personagens diante do animal, é possível perceber o

sofrimento da separação, não apenas do animal, mas também do modo de vida que está sendo abandonado de forma forçada. O choro dos personagens demonstra a perda do sentimento de pertencimento, já que estão migrando para um local novo e desconhecido.

1.3 O PROPÓSITO DA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA NA LITERATURA

A literatura, como já comentado, pode se apresentar como um documento histórico de grande importância para se compreender os costumes e o que ocorreu numa época, e isso pode se dar pela representação de um fato histórico na narrativa. Nesse viés, é possível encontrar nos textos literários uma riqueza de conteúdo sobre várias temáticas a partir de sua linguagem simbólica.

É a partir da imaginação, juntamente com acontecimentos reais, que são realizadas as representações, pois por meio de romances é possível que haja uma pesquisa referente à temática desejada. O romance *O Quinze* da autora brasileira Rachel de Queiroz narra a seca de 1915 em volta da personagem Conceição e Vicente, que vivenciam a seca e a desigualdade social no Ceará. O importante a se ressaltar do romance é que ele pode trazer fatos históricos importantes, com costumes e hábitos da sociedade no período citado, como, por exemplo, as problemáticas que os nordestinos sofreram em decorrência da seca, pois muitos perderam todos seus bens e tiveram que sair da sua terra em busca de um local melhor. Dessa forma, através do romance é possível vivenciar, na imaginação, o sofrimento que as famílias sofreram e ter conhecimento de um período de infortúnios.

A literatura como representação histórica se mostra rica por não só narrar determinados fatos, como também por mostrar parte da sociedade e o ponto de vista do escritor sobre um assunto, como no exemplo da autora Rachel de Queiroz, que mesmo com tão pouca idade, relatou o que presenciou. A partir dessa narração, o leitor tem a possibilidade de estudar os valores de uma sociedade até então apenas imaginária. Brandão destaca que a literatura possui o poder de proporcionar ao leitor uma experiência ímpar, que vai além de apenas ofertar a informação:

A literatura resiste ao tempo, não se esgota como o discurso informativo dos jornais e noticiários, tem um quê de perenidade, parece sempre ter o que dizer ao homem que a procura, permanece na memória à qual o indivíduo recorre; a linguagem comum serve-nos para as nossas necessidades mais imediatas, assim nossa memória retém, com dificuldade, relatos que não nos prendam por laços mais emotivos. [...] O discurso artístico busca o frescor e o perfume do novo: cria palavras ou, paradoxalmente, volta ao passado, revitalizando termos e usando a linguagem analógica das metáforas ou se avizinando dos objetos pela metonímia, imprime à sua experiência um grau de

subjetividade que a torna única, singular, mas que a capacita a falar ao coração de cada indivíduo que, ao entrar em contato com ela, se encontra, se reconhece (Brandão, 1997, p. 24-25).

Neste trecho, o autor comenta sobre o fato de a literatura permanecer viva mesmo com a passagem do tempo. Ademais, é feita uma comparação com os gêneros jornalísticos, que possuem um teor informativo e com alcance imediato, enquanto a literatura apresenta um caráter de longevidade, pois, mesmo com o passar do tempo, continua importante para a sociedade, ou seja, ela permanece viva na memória, proporcionando ao leitor novas descobertas, bem como a possibilidade de relembrar o passado já conhecido com um teor emocional.

2. A SECA DE 1915: UM OLHAR PARA O PASSADO

Torna-se, praticamente, uma missão impossível dissociar a imagem da seca da região Nordeste, tendo em vista que essa área do Brasil já enfrentou diversas crises relacionadas à escassez hídrica. Tal fenômeno está associado às características climáticas da região, como o clima semiárido, marcado pela irregularidade da distribuição de chuva, pois algumas áreas recebem uma quantidade mínima, outras permanecem por um longo período sem nenhum sinal de chuva. Essa realidade influenciou, até mesmo, a cultura, os costumes e o modo de se expressar da sociedade dessa região. Nesse contexto, surgiram expressões populares como “está bonito para chover”, usada para referir-se ao céu nublado, demonstrando a esperança de chuvas. Outra expressão bastante utilizada entre os nordestinos é a palavra “seca” em vez de “vazia”, como na frase “a caixa d’água secou, apontando a influência que a seca possui no cotidiano da população nordestina.

Desse modo, é predominante na região nordestina o bioma da caatinga, prevalecendo a vegetação xerófila e o clima árido. Tais fatores climáticos ocasionaram a seca de 1915. Aziz Ab’Saber (2003) afirma que a paisagem é uma herança, tornando-se um patrimônio coletivo, carregando história e cultura. Exemplo dessa herança é a caatinga, pois essa região reflete os processos naturais que enfrentou ao longo do tempo, se adaptando às condições climáticas, com a vegetação de mandacaru, xique-xique e juazeiro.

Além de ser um patrimônio histórico, já que carrega em sua paisagem as marcas da história e os costumes enraizados de uma população, mostra o legado e a resistência de um povo que luta perante as adversidades climáticas:

O Nordeste semi-árido é uma região de velha ocupação, baseada no pastoreio extensivo. Possui sertanejos vinculados à vida nas caatingas e camponeses típicos amarrados à utilização das ribeiras e dos "brejos". É uma área de forte fertilidade humana e de acentuadas e generalizadas pressões demográficas, cujo destino tem sido o de oferecer homens para as mais variadas áreas e experiências de utilização econômica do solo existentes no país (Aziz Abe’Saber, 2003, p. 16).

Nessa citação, Aziz aborda o contraste da citada fertilidade humana com a seca do ambiente, demonstrando a resiliência dos sertanejos, que sobrevivem em condições desfavoráveis, estabelecendo uma conexão com a região. Porém, a seca, que resulta na falta de recursos, impulsiona os sertanejos a deixarem seu território, que, nesse caso, seria a migração desses sertanejos para outras regiões em busca de uma vida melhor.

Nessa conjuntura, entre 1870 e 1930, o estado do Nordeste enfrentou um período severo de seca. No entanto, conforme aponta Studart (2001), o primeiro registro de um episódio

de seca nessa região remonta a 1605. Tal fato aconteceu durante a passagem do colonizador Pero Coelho na capitania do chamado Siará Grande. Essa seca de 1605 ocasionou o falecimento de dois filhos de Pero e de alguns soldados, já que a estiagem prolongada resultava na falta de alimentos.

Com idas e vindas da seca, registradas nos anos de 1877, 1915 e 1932, sendo esses períodos chamados de anos terríveis, as famílias eram obrigadas a deixar sua moradia e ir em busca de melhoria de vida e sobrevivência: “[...] grupos de famílias migrantes do interior, os sertanejos, que trabalham com gado e produção agrícola nas fazendas da região, foram obrigados a migrar para o litoral e para as capitais nordestinas [...]” (Belik, 2023, p. 2).

É importante ressaltar a visão do historiador Neves sobre a problemática, pois o mesmo afirma que, anteriormente ao ano de 1877, a seca era vista como um problema climático e após esse ano passou a ser vista como uma problemática social e econômica, pois a seca acabou atingindo com maior força a parte da sociedade tida como “marginalizada”, enquanto a classe dominante não foi atingida com a mesma intensidade. Pode-se dizer que a classe dominante obteve um aumento em seus lucros, uma vez que com a escassez de produtos os valores aumentavam significativamente e a mão-de-obra se tornava cada vez mais barata com a procura de emprego. Tal situação acarretou na migração do povo sertanejo para as áreas urbanas ocupadas por uma elite de intelectuais e empresários. Logo foram criados os campos de concentração da seca, que tinham como finalidade confinar o povo sertanejo e mantê-lo afastado da elite. Esta, por sua vez, via os retirantes como “gente imunda”, que prejudicava o visual da cidade grande.

O jornal *O povo* trouxe em 1932 informações acerca de como era o campo de concentração e suas condições precárias. Os retirantes que tentavam chegar até Fortaleza eram abordados e levados para esses campos com a promessa de que teriam alimentação e trabalho. Além disso, os retirantes recebiam uma quantidade de alimento insuficiente, o que resultava em um emagrecimento drástico, ficando abaixo do peso adequado. Além disso, ocorreram inúmeras mortes durante esse período, causadas pela fome, sede ou pelo elevado nível de criminalidade:

[...] o objetivo do governador coronel Benjamin Barroso ao construir o campo de concentração era evitar cenas de violência, crime, mendicância e prostituição no centro da cidade, algo que era recorrente durante as crises das secas anteriores à 1915. Devido à falta de documentação, é difícil estimar o tamanho e outras características físicas do campo do Alagadiço. Diferentemente das experiências seguintes, de campos de concentração construídos em 1932, o foco do campo de 1915 era isolar e vigiar os recém chegados [...] (Belik, 2023, p. 6).

Belik trata, nesse fragmento, sobre o contexto histórico seca de 1915 no Ceará, destacando a construção de campos de concentração para receber os sertanejos. Os campos tinham como finalidade controlar os índices de flagelados que chegavam à capital, ou seja, distanciar esses sertanejos da cidade, com receio de que causassem violência e prostituição nas áreas urbanas. Desse modo, o campo servia como um exílio dessas massas que chegavam a todo momento em busca de sobrevivência. É importante destacar que os campos, na teoria, eram para prestar assistência a essas famílias, porém os tratavam como criminosos que precisavam ser contidos. A citação mostra como funcionava na prática os campos de concentração, apresentando o tratamento que o governo tinha com a classe vulnerável.

O autor realiza uma comparação entre os campos de concentração de 1915 e os de 1932. Embora ambos tenham a mesma finalidade, que seria o controle dos índices dos migrantes, é evidenciada uma diferença entre o campo de concentração de 1915 e o de 1932 latente em se tratando da forma como foi implementado e seu propósito. Os campos de concentração de 1915 foram construídos de forma urgente para atender a elite urbana, tendo como principal objetivo isolar os flagelados e vigiá-los. Por ter sido criado de forma urgente, o campo foi improvisado, e possuindo uma estrutura ineficiente, não atendia da maneira correta os cidadãos. Um fato que reafirma as condições precárias desses campos é a falta de documentação desse período, dificultando o acesso à informação, reforçando a negligência e humilhação por que esses indivíduos passaram.

Em contrapartida, durante a seca de 1932, os campos de concentração mostraram-se uma estrutura mais elaborada e com um maior planejamento. Porém, o objetivo continuava sendo o mesmo, visavam controlar o aumento populacional isolando os sertanejos. Dessa forma, esses campos, por possuírem uma maior estrutura, tinham um teor maior de monitoramento e contenção. Tais campos tornaram-se símbolo da negligência do poder público em relação a soluções para minimizar o sofrimento de um povo que tinha perdido tudo, praticando a marginalização e exclusão ao invés de dar um suporte digno. A semelhança entre os dois casos se dá no objetivo principal do poder público em cuidar apenas dos cidadãos urbanos, enquanto os flagelados ficavam em segundo plano, em uma problemática que estava na linha de frente dos impactos climáticos e sociais.

Imagem 1: “Flagelados da seca” aprisionados em um Campo de concentração.



Imagem 2: Flagelados da seca no Ceará confinados em situação precária.



Segundo Belik (2023) a infraestrutura dos campos era para comportar cinco mil pessoas, porém, na prática, esse número de ocupação não era respeitado, chegando um campo a ter mais de cinquenta mil. Foram feitos sete campos na década de 1932 e cada um tinha seu modo de funcionamento. Sua estrutura era de um galpão construído com madeira e palha, onde as famílias se alojavam. A localização dos campos era estratégica, pois normalmente os campos eram construídos próximos a ferrovias, para que os sertanejos não pudessem chegar a Fortaleza. Fator decisivo para sua localização foi também a água, que pegavam de uma represa próxima.

O resultado dessa precariedade custou a vida de mais de quinhentos sertanejos por mês, segundo a autora, na década de 1933.

Quando ocorreram as primeiras chuvas em meados de 1933, as atividades no campo foram desligadas e sua estrutura foi desaparecendo com a saída dos flagelados sobreviventes da seca. Cabe salientar que a elite pretendia que uma parte dos retirantes continuasse com mão de obra barata, mas isso não ocorreu, tendo em vista que alguns decidiram voltar para sua região.

Nos romances de caráter regionalista, é possível, a partir da leitura, compreender o contexto social de cada período. Nesse viés, as classes que até então eram silenciadas passaram a ganhar representações literárias, como no livro *O Quinze*. Nele, Rachel de Queiroz faz com que o leitor se coloque no lugar do personagem Chico Bento, que, em decorrência da seca de 1915, perde seu trabalho e se vê forçado a abandonar sua região com a família, lutando pela sobrevivência em meio ao caos instaurado. Através dessa narrativa, a autora retrata não apenas as dificuldades materiais enfrentadas pelos sertanejos, mas também os desafios emocionais e psicológicos que acompanham a perda de uma identidade construída em sua terra natal.

3. A REPRESENTAÇÃO DA SECA NA OBRA *O QUINZE*: RESISTÊNCIA, DENÚNCIA SOCIAL E A REALIDADE

Rachel de Queiroz (1910-2003) foi uma escritora que nasceu no Ceará, Fortaleza, e com apenas cinco anos de idade mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, em razão da grande seca que aconteceu em 1915. Enquanto jovem, destacou-se por sua aptidão em escrever sobre as problemáticas sociais enfrentadas na região do Nordeste. Seu início na literatura ocorreu em 1930, com a publicação da obra *O Quinze*, narrando os dramas vivenciados pelos sertanejos. A obra possui um realismo social, descrevendo um fato que ocorreu na história do Nordeste, e uma linguagem bem estruturada e simples, com expressões nordestinas marcantes nas falas dos personagens. É importante destacar o marco em uma mulher jovem e nordestina se consagrar na literatura, derrubando as barreiras impostas às mulheres daquela época.

Queiroz em sua obra aborda a questão da seca como um elemento vivo que influencia na tomada de decisões dos personagens, pois a problemática da seca de 1915. Além disso, a autora não se limita a relatar apenas “memórias”, já que a mesma viveu esse período, mas realiza uma análise detalhada sobre a seca de 1915, combinando a observação com a abordagem crítica, evidenciando o período de estiagem:

Nunca gostei de memórias. Nunca pretendi escrever memória nenhuma. É um gênero literário – e será literário mesmo? – onde o autor se coloca abertamente como personagem principal e, quer esteja falando bem de si, quer confessando maldades, está em verdade dando largas às pretensões do seu ego – grande figura humana ou grande vilão. Mas grande de qualquer modo. O ponto mais discutível em memórias são as confissões, gênero que abominei, pois há coisas na vida de cada um que não se contam. Eu, por exemplo, “nem às paredes do quarto as contaria”, como diz o fado. (Queiroz, 1998, p. 11).

Nesse trecho, Rachel discute sobre sua aversão ao gênero memória, destacando sua característica marcante na escrita, pois suas palavras mostram sua responsabilidade em não fazer das suas narrações retratos seus. Essa citação evidencia em suas obras, como *O Quinze*, o foco na criação dos personagens e o cenário que retrata a diversidade do povo dessa região. Dessa forma, reforça o realismo em suas obras e dá voz, não a um, mas a vários sertanejos, explorando cada aspecto social.

A história de *O Quinze* gira em torno de personagens como Vicente, um jovem fazendeiro que se recusa a deixar sua região e luta pela sobrevivência do gado, representando os valores tradicionais dos nordestinos, especialmente o apego à terra natal. Conceição, sua prima e professora, que desempenha o papel emancipador da mulher, possuindo pensamentos modernistas. Dona Inácia, avó de Conceição, que inicialmente relutante, acaba aceitando se

mudar para a cidade, após insistências da neta. Além disso, a narrativa aborda outros núcleos, como a família de Chico Bento, um humilde trabalhador rural que, ao perder tudo, é forçado a deixar sua terra natal com sua família. Durante a migração, eles enfrentam fome, sede e o sofrimento da despedida, buscando melhores condições de vida. Nesse contexto, a obra se destaca pelo realismo das descrições, apresentando a seca como um fator determinante no destino dos sertanejos e evidenciando o sofrimento cíclico imposto por esse fenômeno climático:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta...Também o pasto seca...Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo (Queiroz, 2023, p. 20-21).

Esse trecho ilustra as consequências da intensa seca de 1915. Devido à estiagem, o solo estava árido e sem vegetação suficiente para alimentar os animais, que acabavam ficando extremamente magros, tão magros que, como mencionado na citação, era possível ver seus ossos pontudos. O personagem Vicente, mesmo sem a chegada do inverno, continuava cuidando do gado, demonstrando compromisso e resiliência na tentativa de manter os animais, apesar dos poucos recursos disponíveis. Sua postura contrasta com a de outros proprietários, como Dona Maroca das Aroeiras, que estava decidida a dispensar seus trabalhadores e soltar o gado se o clima não mudasse:

— Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que a dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém. Escandalizado, indignado, Vicente saltou de junto da Jurema onde se encostava:
— Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! Aquela velha é doida! Mal empregado tanto gado bom! (Queiroz, 2023, p. 21)

Nesse trecho, destacam-se dois aspectos fundamentais. O primeiro refere-se à forte crença do povo nordestino em São José, evidenciando o sincretismo religioso presente na religiosidade popular. Como afirma Ferretti (2007), essa fusão de crenças ocorre devido à adaptação da religião às culturas locais. No contexto do sertão, marcado por um clima árido e por longos períodos de estiagem, os nordestinos buscam, por meio da fé, incorporar crenças e rituais voltados à intercessão divina, especialmente para a obtenção de chuvas. O segundo aspecto relevante é a resiliência de Vicente diante das adversidades impostas pela seca.

Enquanto alguns proprietários, como Dona Maroca das Aroeiras, optaram por libertar o gado e dispensar os trabalhadores devido às dificuldades, outros, como Vicente, persistiram no cuidado com os animais, o que, além da fé, mantém uma relação de luta e perseverança frente às intempéries do meio em que se vive.

As dificuldades enfrentadas pelos sertanejos em 1915 foram além da seca. Nesse contexto, Rachel ultrapassa o fenômeno climático, denunciando problemáticas sociais. Um exemplo disso é o trecho em que o personagem Chico Bento reflete sobre a corrupção do poder público, enquanto tenta conseguir uma passagem para ele e sua família para fugir da miséria e da seca que a seca:

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:
— Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!
O Zacarias segredou:
— Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...
Os olhos do vaqueiro luziram:
— Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara!...
— Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...
Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:
— Cambada ladrona!
(Queiroz, 2023, p. 40)

O diálogo entre os personagens demonstra a cólera dos mais pobres em perceber a corrupção que havia com a ajuda do poder público aos pobres, pois mostra que o personagem Preposto, ao invés de partilhar as passagens com os mais pobres, que não tinham condições financeiras de comprar a passagem, usufruía da situação de calamidade para vendê-la mais cara, não se importando com o que seria correto a se fazer.

Essa cena mostra a realidade da época, pois muitos desviavam as iniciativas do governo, desfrutando do dinheiro daqueles que não tinham nada. Em contrapartida, a obra mostra, também, a falta de monitoramento por parte do governo nessas situações de corrupção, além de apresentar as consequências que as ações ou falta delas acarretam de forma direta na tragédia que foi a seca. Dessa forma, sem alternativas Chico Bento e sua família fazem o percurso a pé, sem prever o que o percurso custaria à família.

Sob o sol escaldante, o personagem Chico Bento atravessa o sertão com sua família, enfrentando a escassez de alimentos e água durante a migração. No percurso, depara-se com dois sertanejos ao lado de uma novilha morta, cujo corpo apresentava a cabeça inchada e sem chifres, exalando um odor fétido. Diante de extrema miséria, os sertanejos preparavam-se para consumir a carne do animal doente. No entanto, Chico Bento, movido por um senso de

solidariedade e compaixão, opta por dividir o pouco alimento que possuía com os homens, impedindo que recorrem a uma carne contaminada. Esse gesto demonstra não apenas a dura realidade enfrentada pelos retirantes, mas também a importância da empatia e do auxílio mútuo como valores fundamentais para a sobrevivência em meio às adversidades: “[...]Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão” (Queiroz, 2023, p. 49).

Não demorou muito para que o alimento acabasse, obrigando Chico Bento a vender sua rede para conseguir sustento para sua família. Com o pouco dinheiro que consegue, compra uma rapadura e um litro de farinha, garantindo, ainda que de forma precária, a alimentação por mais algum tempo. Diante das dificuldades enfrentadas durante a jornada, Mocinha, em busca de melhores condições de vida, toma a decisão de permanecer no local, pois havia encontrado trabalho. A autora mostra, por meio dessa escolha, não só a necessidade de adaptação imposta pelas circunstâncias, mas também a esperança de reconstrução e estabilidade em meio à incerteza da migração.

Diante da escassez de alimento e dinheiro, a única alternativa encontrada é buscar raízes para saciar a fome. Cordulina prontamente se dispõe a preparar um beiju, na esperança de oferecer algum alimento à família. No entanto, sua breve tranquilidade foi abruptamente interrompida quando seu filho Josias revelou que sua dor de barriga em consequência da ingestão de mandioca crua. Desesperada, Cordulina e Chico Bento tentam resistir uma solução para salvar o menino, mas ele não resiste. A tragédia evidencia a dura realidade vivida pelos retirantes, cujas condições extremas de pobreza e fome os levavam a recorrer a qualquer meio para sobreviver, muitas vezes com consequências irreversíveis. A triste cena apresenta a vulnerabilidade dos mais frágeis diante da miséria, bem como o desamparo de políticas públicas eficazes para amenizar o sofrimento.

O personagem Chico Bento, já por ser uma figura à margem antes mesmo da seca, é o que mais sofre os impactos da seca, como é possível notar. Sem alternativas, o personagem continua com a migração, mesmo com a morte do filho. A autora faz com que por meio desse personagem o leitor vivencie a realidade que foi lutar pela sobrevivência e a degradação que os indivíduos sofreram não apenas nos campos de concentração, mas durante todo o percurso:

— Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!
Chico Bento, tonto, desnortado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas.
O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro.
Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortante.

E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... O Duquinha tão morto que já nem chorava...
Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:
— Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...
(Queiroz, 2023, p. 75).

Essa cena mostra a degradação que a fome pode causar no ser humano, pois o personagem mostra ser ético e trabalhador, mas, perante a situação em que se encontra sua família, ele não vê outra alternativa senão roubar e matar um animal alheio para matar a fome. A atitude violenta do dono da cabra em não mostrar misericórdia a uma família que estava passando por fome, mostra a escassez severa e a disputa por alimentos. A autora utiliza essa cena para evidenciar o profundo nível de desumanização ao qual os flagelados foram submetidos durante a seca. A fome, nesse contexto, vai além do sofrimento físico, alcançando também dimensões psicológicas e emocionais, levando os sertanejos ao extremo da luta pela sobrevivência. Outro aspecto abordado pela autora é a falta de compaixão entre os próprios seres humanos diante da miséria alheia. O instinto de autopreservação se sobrepõe à compaixão, fazendo com que muitos pensem exclusivamente em si e em suas famílias, ignorando o sofrimento dos demais. Essa situação expõe a forma como, diante de condições extremas, o ser humano pode regredir ao seu instinto mais primitivo, agindo de maneira quase animalesca na luta pela própria sobrevivência.

Outro ponto relevante na obra é a retomada da trajetória da personagem Mocinha. Sem qualquer amparo, foi expulsa pela patroa, apresentando a triste realidade enfrentada pelos sertanejos, que, mesmo saindo de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, continuam submetidos à exploração do trabalho. Esse trecho reforça a crítica social lançada pela a autora, mostrando como a luta pela sobrevivência nem sempre resulta em estabilidade, pois, muitas vezes, o que ocorre é o surgimento de novas formas de sofrimento, bem como as exclusões sociais:

A velha levou as mãos ao rosto, num espanto desolado:
— Você! Mas Mocinha, o que foi isso?
Encostando a cabeça à janela do trem, a mulher entrou num choro solto e desesperado, que a quebrava toda em soluços.
E murmurou entrecortadamente, arrancando as palavras aos repelões do pobre peito emagrecido, que a força do choro abalava todo:
— Desgraça da vida, minha Madrinha! O Chico tinha-me deixado no Castro, em casa duma mulher que tem uma venda na Estação. Mas eu não aturei muito lá e vim vindo de mão em mão, cada dia pior, até que fiquei nesta desgraça, e ainda por cima, com um filho no peito... O pobrezinho ainda não tem um mês... Não sei como não morri, por aí, aos emboléus, sofrendo tudo quanto é precisão...
Dona Inácia, comovida demais, não sabia o que dizer:
— E você quer voltar para o sertão, Mocinha?

A rapariga levantou tristemente os olhos:

— Pra que, minha Madrinha? Só pra passar mais vagonha? Quem é que vai ter pena de mim? E por este tempo ainda tão ruim, tem lá com que eu sustente a mim e ao meu filho? (Queiroz, 2023, p. 147).

A cena revela a realidade da personagem Mocinha, que, após deixar a casa de Eugênia, torna-se mãe solteira. Sem alternativa, Mocinha se vê obrigada a pedir esmolas nas ruas e, por coincidência, acaba encontrando sua madrinha, Dona Inácia, avó de Conceição, que oferece ajuda. Esse núcleo, composto por Dona Inácia e Conceição, toma conhecimento dos boatos sobre o que estava acontecendo com os sertanejos, o que leva Conceição a ir até o campo de concentração para auxiliar no que fosse possível. Por meio dessa narrativa, a autora evidencia a indiferença do poder público, que negligenciava as necessidades básicas de uma população marginalizada, vista como estorvo e descartada para locais distantes da sociedade elitista. Ao descrever de forma degradante a situação em que os sertanejos se encontravam, Rachel de Queiroz denuncia a visão desumana do governo e da elite, que os considera meros números a serem afastados, sem se importar com o que realmente importava: a dor, o sofrimento, o desamparo e a humilhação. A autora retrata as condições enfrentadas pelos retirantes com puro realismo, evidenciando não apenas as marcas físicas deixadas, mas também o terror psicológico dos personagens, que eram forçados a passar por situações desumanas, como a perda de moradia, de familiares e da própria dignidade.

Vale lembrar que, como já mencionado, os campos de concentração da seca de 1915 tinham o objetivo de controlar o número de sertanejos que chegavam à capital, funcionando como uma espécie de exílio. Em razão da urgência do governo em distanciar os flagelados da elite, os campos foram construídos de forma improvisada, sem a infraestrutura necessária para prestar a assistência básica aos sertanejos. Isso resultou na falta de saneamento adequado, condições precárias de saúde e uma total negligência das necessidades mais elementares. Em vez de encontrar assistência e amparo para suas tragédias, os sertanejos se viram em um ambiente ainda mais desumanizador, onde a falta de assistência e a exclusão social se tornaram marcas irreversíveis nesse momento trágico. Nesse contexto, Rachel de Queiroz retrata a dura realidade dos campos de concentração nas páginas 64 e 65:

Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento. Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas e trapos sujos!

Mas uma voz a fez parar.

- Doninha, dona Conceição, não me conhece?

Era uma mulata de saia preta e cabeção encardido, que, ao ver a moça, parara de abanar o fogo numa trempe, e a olhava rindo (Queiroz, 2023, p. 64).

A partir desse trecho, é possível perceber a precariedade em que os flagelados se encontravam, o que resultava em um aumento significativo no número de doentes, devido à falta de saneamento básico e às péssimas condições de higiene. Esse cenário, marcado pela superlotação e pela total ausência de cuidados médicos, agravava ainda mais o sofrimento da população, que, além das mazelas da seca, enfrentava uma vida de abandono e desespero. Assim, a autora não apenas denuncia as condições desumanas dos campos, mas também critica a negligência do poder público, que deixou os sertanejos à mercê de suas próprias tragédias, sem qualquer perspectiva de alívio ou dignidade. Esses indivíduos não apenas enfrentavam imenso sofrimento durante a migração, como no exemplo da família de Chico Bento, mas também ao chegarem aos campos de concentração.

Nesse contexto, Rachel de Queiroz, em *O Quinze*, constrói uma narrativa que não apenas descreve a seca de 1915, mas questiona as políticas públicas e as condições sociais que contribuíram para que a tragédia ocorresse. A autora, ao retratar os campos de concentração e as consequências da seca, nos convida a refletir sobre a condição humana diante das adversidades impostas tanto pela natureza quanto pela sociedade. É importante destacar que o cenário dos campos de concentração se repetiu na seca posterior à de 1915, a de 1932, e persistiu com o mesmo objetivo de exilar os flagelados da sociedade elitista, criando campos mais estruturados e com vigilância. Ou seja, o foco central permanecia o mesmo: isolar os afetados e, em vez de implementar políticas públicas eficazes para enfrentar o problema, o governo preferia concentrar esforços em controlar e afastar a população marginalizada, sem oferecer soluções reais para as suas necessidades. Isso evidencia a continuidade de um ciclo de negligência e exclusão social que perdurou por décadas.

Portanto, ao ler a obra, o leitor adquire conhecimentos preciosos sobre um fato histórico que provocou inúmeras mortes. *O Quinze* não apenas retrata a crise hídrica, mas também explora as problemáticas sociais, como o descaso do governo e a luta pela sobrevivência, que se tornam o ponto central do romance. A autora oferece ao leitor uma visão aprofundada sobre a seca de 1915, refletindo sobre a força e a resiliência de um povo marcado pelo sofrimento. Além disso, Rachel de Queiroz expõe as desigualdades sociais e a indiferença das autoridades, ao mesmo tempo em que destaca a solidariedade e a resistência dos sertanejos, que, apesar das adversidades, tentam manter sua dignidade e esperança. Dessa forma, a obra não se limita a narrar uma tragédia, mas também provoca uma reflexão crítica sobre a responsabilidade social e as falhas estruturais que perpetuam a miséria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a representação da seca de 1915 na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, destacando a função significativa que a literatura desempenha na representação de eventos históricos de uma época específica. A pesquisa procurou compreender de que maneira as obras literárias atuam não apenas como manifestações artísticas, mas também como registros que preservam as experiências de seus autores, refletindo o contexto social e cultural do período em que foram criadas. A análise realizada possibilitou uma compreensão mais profunda da interconexão entre literatura e história, evidenciando os desafios enfrentados e a capacidade de superação diante das adversidades. No livro *O Quinze*, a escritora, além de relatar os acontecimentos da seca de 1915, mergulha o leitor na dura realidade vivida pelo povo nordestino, que enfrentava a fome, a sede e o descaso das autoridades.

Rachel, ao criar sua narrativa, preenche suas páginas com elementos típicos da época, o que possibilita uma compreensão mais rica da formação e dos hábitos da sociedade nordestina. A seca de 1915, um evento de grande importância histórica, é retratada na literatura de maneira intensa e emocional, destacando o sofrimento e as inquietações de personagens que, mesmo diante das adversidades, persistem em lutar pela sobrevivência. Esse aspecto humanizador da obra não apenas oferece uma visão dos acontecimentos históricos, mas também instiga uma reflexão crítica sobre as condições de vida e o tratamento recebido por uma população marginalizada e vulnerável. Ao examinar os traços e os elementos que definem a obra, observa-se um esforço em retratar com precisão os acontecimentos, refletindo as duras realidades enfrentadas pelos habitantes do sertão. Nesse contexto, a literatura desempenha um papel fundamental na promoção de uma compreensão mais profunda e empática da história.

Ademais, ao escolher uma metodologia analítica, este trabalho buscou interpretar as representações literárias presente na obra realizando uma contextualização com o cenário da estiagem. A análise literária apresentada seguiu a premissa de que as criações culturais não são apenas reflexo de um fato histórico, mas um instrumento importante na formação e transformação social. Nesse contexto, a obra evidencia sua grande importância na construção das memórias sociais e históricas.

Com base nas análises realizadas, é possível afirmar que *O Quinze* contribuiu significativamente para a formação crítica e humana dos leitores, pois a obra oferece uma volta ao passado propondo uma reflexão sobre a importância da memória. Por fim, ao explorar a

temática da seca, a autora contribui para o registro de um fato importante para a população nordestina.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro; NOGUEIRA, Julia Gomes; PINHO, Adeíto Manoel (Org.). **Literatura, história e memória: leituras de Jacques Le Goff**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

AB'SÁBER. Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Copyright, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, Lígia (Coord.). **Aprender e ensinar com textos**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-31.

BRITO, Thaís. **Campos de Concentração no Ceará confinaram flagelados da seca com base em teorias racistas**. Ceará: G1- Globo, 2023. Disponível < <https://g1.globo.com/google/amp/ce/ceara/noticia/2023/10/08/campos-de-concentracao-no-ceara-confinaram-flagelados-da-seca-com-base-em-teorias-racistas.ghtml> >. Acesso em: 1 set. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2011b.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre prática e representações**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1990.

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Rio de Janeiro: Fronteiras, 1999.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LUKÁCS, Gyorgy. **O Romance Histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011

NASCIMENTO, Thatiany. **Campo de Concentração onde flagelados da seca eram aprisionados é tombado no Ceará**. Ceará: G1- Globo, 2019. Disponível < <https://g1.globo.com/google/amp/ce/ceara/noticia/2019/07/20/campo-de-concentracao-onde-flagelados-da-seca-eram-aprisionados-e-tombado-no-ceara.ghtml> >. Acesso em: 1 set. 2024.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Rio de Janeiro, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da Educação**. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. Pelotas, 2003.p. 31-45.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 62. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e tempo histórico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSSI, MARIANA. **Quando a seca criou os campos de concentração no sertão do Ceará**. EL PAÍS. Senador Pompeu, 2019. Disponível < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/08/politica/1546980554_464677.html > Acesso em: 25 ago. 2024.

SOUZA, Emerson José Ferreira de. **Vivas ao santo padroeiro das chuvas**: (Re)Significações religiosas no culto a São José, Pombal-LB (1950 - 1980) . 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.

SARMENTO, Elisângela Campos Damasceno; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. **A Ecocrítica e o ensino interdisciplinar de Literatura e Ecologia: um estudo topofóbico-topofílico a partir de obras literárias regionais**. Revista Concilium, v. 22, n. 1, 2022.

STUDART, Guilherme. **Datas e Factos para a História do Ceará**. Edição fac-similar, Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.